

SELETA

Era, benévolo leitor, minha intenção muito firme, neste insignificante livrinho, não somente expor as circunstâncias de tempo, dia e hora, mas também intercalar aqui e ali alguma coisa a respeito das frutas que crescem na terra do Brasil, como as nozes de coco, que são do tamanho de uma cabeça e crescem em árvores tão altas, que lhes atiramos com mosquetes, e têm duas cascas, a interna com aparência de moscada, o núcleo como amêndoas, e o suco interior semelhante ao leite de amêndoas; como a noz de cassa, de que os selvagens fazem cachimbos; como o tabaco, que ali se desenvolve por toda a parte e é preparado de vários modos; como o açúcar, que é espremido das canas, cujo suco é cozido, tomando o aspecto de salitre, e é acondicionado em caixas; como o gengibre, pimenta, cabaças, áloes, chamado ali semprevivo; com as árvores maravilhosas, que lá são tão pouco levadas em conta como as urtigas entre nós; o arbusto do algodão; como o cici, a bebida do selvagem; e igualmente s muitos crocodilos repugnantes, cujas fêmeas dão o melhor âmbar pardo, e que raptam pessoas inteiras e as devoram; como os iguanos, cujo macho tem na cabeça uma crista de galo verde, e que têm alguns pés de comprimento, e semelhantes pela forma e pela cor a um lagarto; como grandes serpentes, que os negros matam, quando trabalham, nos matos e nas casas, assam, comem e nos dizem: “O ‘Sig. Flaminco, bom à manger por’ negro”; como os grandes sapos, as grandes aranhas cabeludas e ásperas, cada uma das quais tem na cabeça dois dentes em feitio de esporões de galo, com que mordem muito, e que são arrancados pelos portugueses, escastoados com ouro e prata, e usados contra dores de dentes, riscando-se com eles carnes; *item*, como as formigas voadoras, que os índios selvagens caçam e comem; como muitos lagartos, que correm nas paredes das casas como as moscas entre nós; como o animalzinho cincin, o tigre, o goela de leão,

macacos, gatos do mar, os animaizinhos musceliatos; como os muitos vermes, que voam no ar como faíscas de fogo; como os belos papagaios, os corvos indianos, as garças, avestruzes, pavões, mejun; como o peixe-espada, inimigo da baleia, outros animais, cousas e ilhas que se encontram nas viagens por terra e por água, e são incorporadas às cartas marítimas pela arte geométrica e astronômica, e mais coisas (pp. 151-152).

(...) No dia 11 de maio, retiraram-se de todas as igrejas e conventos as imagens, na sua grande maioria de prata, entre as quais doze apóstolos, uma imagem de Maria e outros pertences preciosos, que tomou o Almirante Willekens sob sua guarda. Aforá isso, abriu-se mão de todos os conventos e dos bens eclesiásticos, nos quais se fizeram importantes e magníficas presas, especialmente no Colégio dos Jesuítas, onde foram achados, em quarenta quartos, riquíssimos e variados utensílios, objetos preciosos fabricados de prata e ouro, de sorte que muito capitão, em uma hora, arrancou 5 a 6.000 florins; também se fartaram os soldados rasos, arrebanhando e cobrindo-se ali de veludos, sedas, prata, ouro, como grandes oficiais. Não quis, todavia, consentir o almirante no saque das casas dos moradores, o que, dificilmente pôde ser evitado. No dia 13 de maio, celebraram-se em todas as igrejas prédicas em agradecimento e orações pela esplêndida vitória.

(...) Produz anualmente esta cidade de S. Salvador, só de açúcar, dez mil caixas, e recebe, ainda, de pau-brasil, algodão, laranjas, limões e outras mercadoras e frutas preciosas, grandes rendimentos, de sorte que o rei de Espanha arrecada, apenas de tributos, três toneladas de ouro por ano. No porto encontravam-se mais de 30 navios portugueses carregados com vinte mil caixas de açúcar, que iam para a Espanha, juntamente com outras mercadorias preciosas; além desses, chegaram ainda mais oito navios ricamente carregados, que nada sabiam da conquista da cidade, dos quais se apoderou o almirante (pp. 239-240).